

ANTONIO CANDIDO ★ 1918 † 2017

Criador do 'Suplemento Literário', do 'Estado', o crítico e sociólogo é autor de uma obra fundamental

Guilherme Sobota  
Ubiratan Brasil

O crítico literário e sociólogo Antonio Candido, dono de uma das obras mais fundamentais da intelectualidade brasileira, morreu aos 98 anos. Uma hérnia de hiato inoperável que acompanhava o ensaísta há tempos foi a causa da morte, à 1h40 de sexta-feira, 12. Ele estava internado no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, desde sábado, 6.

Autor de livros fundamentais como *Introdução ao Método Crítico de Silvío Romero* (1944), *Formação da Literatura Brasileira* (1959), *Literatura e Sociedade* (1965), entre muitos outros, Candido formou uma maneira de pensar a literatura brasileira que influenciou toda a crítica cultural do País. Em 1956, ele criou o *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo*, caderno que se tornou paradigma do jornalismo cultural no Brasil.

O crítico e ensaísta se definia como um sobrevivente. "Sou provavelmente o último amigo vivo de Oswald de Andrade, um escritor dono de uma personalidade vulcânica", comentou Candido, em rara entrevista, em Paraty, onde, em 2011, fez a conferência de abertura da 9.ª Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip - aliás, o trabalho nas notas dessa palestra foi o último que fez Antonio Candido, segundo sua neta, a produtora Laura Escorel, que vivia com ele há quatro anos. Laura também organizou o acervo fotográfico do avô. Ainda não há uma instituição comprometida com as mais de 3 mil imagens que ela já compilou. Ainda segundo Laura, Candido também deixou mais de 80 diários.

O ensaísta mantinha fortes lembranças de Oswald (1890-1954). A amizade entre eles começou depois de uma crise - o escritor não gostou de uma crítica escrita por Candido sobre *Marco Zero*, romance de 1943. "O comunismo fez mal para ele, que passou a escrever uma literatura mais engajada, longe da linguagem telegráfica que era seu melhor estilo", contou Candido, em Paraty. "Eu era um jovem crítico, estava com 24 anos, e não aceitava aquele silêncio que



# Intelectual influente

rondava a obra de Oswald, considerado um autor inatacável."

Passado o tempo, o próprio Antonio Candido reconheceu o exagero de sua escrita, a ponto de produzir um longo ensaio em que reconhecia o valor literário do autor. Foi o suficiente para estabelecer uma amizade profunda e sincera, que resistiu até às novas críticas de livros.

O exercício, aliás, era arriscado. Candido comentou que o crítico literário de sua época era obrigado a lidar com nomes que, naquele momento, ainda eram desconhecidos.

"Certo dia, recebi um livro chamado *Perto do Coração Selvagem*, assinado por Clarice Lispector. Pensei que fosse um pseudônimo, porque isso não é nome de gente, Lispector. Eu não sabia

quem era e precisava dizer se o livro era bom ou ruim. Ou seja, minha responsabilidade como crítico era muito grande, pois lidava com autores como Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade, que ainda não tinham conquistado notoriedade. Tive a sorte de viver um tem-

pode esplendor da literatura brasileira. Mas avaliações erradas poderiam custar o emprego."

Candido lembrou que, em sua época, a crítica era militante e alguns jornais tinham o chamado crítico titular. No seu caso, ele era o do jornal *Folha da Manhã*, enquanto o do *Estado* era Tobias Barreto. "O crítico titular tinha muito autoridade, porque representava o jornal. Costumo dizer que a crítica literária daquele tempo era uma atividade de alto risco."

Trabalhou na função durante

24 anos e se orgulhava, por exemplo, de ter escrito o primeiro artigo analítico sobre a obra de João Cabral de Melo Neto. "Ele não sabia disso. Foi Drummond quem o informou."

Com o tempo, a função de resenhista foi gradativamente assumida pelos críticos de universidade, que preferiam não correr risco. "Eles escreviam apenas sobre escritores já mortos, com a obra consolidada, o que evitava julgamentos apressados se fosse o caso de autores ainda vivos."

Para ele, a crítica era essen-

**O ensaísta.** Depois de uma crise, ele e Oswald de Andrade se tornaram amigos

## HUMANISTA. PREOCUPAVA-SE COM OS ACONTECIMENTOS NO PAÍS

● Humanista convicto, Antonio Candido se mostrava decepcionado com os rumos do Brasil nos últimos meses. "Ele estava muito contrariado por ver o grande projeto da sua geração ser derrubado", disse Laura Escorel, neta do intelectual. Laura morava com

Candido há quatro anos, no bairro dos Jardins, em São Paulo. "Ele via as notícias na televisão e ficava assustado, mas com a internet eu mostrava para ele o contraponto", comentou. Uma das filhas do crítico, a historiadora Marina de Mello e Souza tam-

bém falou sobre a surpresa que tomou Candido diante dos últimos acontecimentos. "No momento em que estamos, ele é um símbolo de um mundo que acabou. Ele sempre acreditou que os valores do humanismo podiam ser resgatados." / G.S.

“ Deixa a amigos e discípulos o exemplo de uma vida modicamente ética. Exemplo de grande dignidade”  
**Ana Maria Machado**  
ESCRITORA

“ Era um intelectual que gostava de criar espaços de cultura. Tinha um sentido histórico muito apurado”  
**Augusto Massi**  
PROFESSOR DA USP

“ Era uma liderança intelectual. Era um dos nossos maiores críticos, dos mais representativos”  
**Domicílio Proença Filho**  
PRESIDENTE DA ABL

“ Ele atravessou momentos da história, mesmo os sombrios, sem perder sentido dos valores”  
**Adauto Novaes**  
FILÓSOFO

“ Meu pai era um otimista. Ele acreditava que os valores humanistas poderiam ser resgatados”  
**Marina de Mello e Souza**  
FILHA E HISTORIADORA

“ Candido tinha uma das melhores conversas que eu já tive, bem ao lado de Otto Lara Resende”  
**Humberto Werneck**  
ESCRITOR

\* ANÁLISE: Walmice Nogueira Galvão

### Os caminhos de um grande homem das letras e da justiça

Antonio Candido estreou como crítico literário na legendaria revista *Clima*, em 1941, aos 23 anos, quando era aluno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (USP). Ele e seus colegas de revista definiram as vocações a partir daí, tornando-se vozes influentes no panorama cultural do País. Também se tornariam amigos de vida inteira: basta mencionar os nomes de Paulo Emílio Salles Gomes no cinema, Décio de Almeida Prado no teatro, Lourival Gomes Machado nas artes visuais, Ruy Coelho na antropologia, Gilda de Moraes Rocha, com quem viria a se casar, na estética.

Depois, Antonio Candido assinaria um rodapé semanal na *Folha da Manhã*, a que se seguiriam outros periódicos. Paralelamente, desenvolvia sua carreira de professor e de autor de alguns dos livros fundamentais para se conhecer o Brasil e sua literatura.

Entre eles, e em primeiro lugar, *Forma-*

*ção da Literatura Brasileira*, de 1959. É nesse livro que Antonio Candido desenvolve o argumento de que tal formação pode ser vista como se fosse comandada pelo desejo dos brasileiros de construir uma literatura que expressasse o País. Ao mesmo tempo, essa literatura deveria marcar a sua diferença em relação à matriz: o que se faria mediante adaptação de modelos. O argumento será depois estendido por outros estudiosos a diferentes ramos da cultura.

Dentre seus livros sobressaem ainda *Brigada Ligeira*, *O Observador Literário*, *Literatura e Sociedade*, *Vários Escritos*, *Teresina Etc.*, *A Educação pela Noite*, *Na Sala de Aula*, *O Discurso e a Cidade*, *Recortes*. Difícil é escolher entre eles, tal o alcance do pensamento e a finura da erudição. Uma de suas grandes conquistas é a clareza da escrita, isenta de posições dogmáticas e de jargão profissional. A essência seria acrescentado um clássico, *Os Parceiros do Rio Bonito*, seu doutoramento em sociologia, um estudo sobre o modo de vida caipira.

Mas, afora tudo isso, ainda há sua folha de serviços prestados, que é interminável. Foi presidente da Cinemateca Brasileira em mais de um mandato (1962 e 1977). Foi autor do planejamento do celebrado *Suplemento Lite-*

*rário de O Estado de S. Paulo*, em 1956. Coordenou o Instituto de Estudos da Linguagem, na *Unicamp*, no período 1976-1978. E isso, afóra diversos outros cargos, conselhos de fundações e participação em comissões, desde a do 4.º Centenário de São Paulo em 1954.

Nunca fugiu à militância política, começando já ao tempo da ditadura Vargas, quando era ainda estudante, quando fez parte de grupos de resistência.

Ao término da ditadura em 1945, integrou a Esquerda Democrática, parte da qual dois anos depois se tornaria o Partido Socialista Brasileiro. Neste, militou por longos anos, ocupando duas vezes cargos na direção, bem como no jornal *Folha Socialista*. Foi até candidato a deputado estadual em 1950, um sacrifício para preenchimento da cota de cargos legislativos que, aliás, acataram vários de seus companheiros intelectuais.

Com o advento da nova ditadura, instaurada pelo golpe de 1964, Antonio Candido não mais cessaria de participar de inúmeras atividades. Dentre elas ressaltam seu desempenho na Comissão Paritária Central, de que foi membro eleito na Maria Antonia ocupada pelos estudantes, e em várias outras ações que assinalaram o ano de 1968. Colaborou

com o jornal *Opinião* e foi um dos diretores da revista *Argumento* (1973-1974), proibida pelo regime militar no quarto número. Continuou militando nas oposições, inclusive na luta pela anistia, pela reintegração dos cassados e pela redemocratização. Por essa época, ajudou a criar a Associação dos Docentes da USP, de que foi o primeiro vice-presidente, bem a tempo para atuar na grande greve do ensino em 1979.

Foi a essa altura, também, que Antonio Candido se tornou membro da Comissão de Justiça e Paz, criada por d. Paulo Evaristo Arns. Foi signatário da *Carta aos Brasileiros*, redigida por Goffredo Telles Jr., e membro da comissão que a apresentou ao público, em 1977, na Faculdade de Direito. Finalmente, foi em 1980 um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, no qual passou a ser presidente do conselho editorial de sua Fundação Perseu Abramo. Essas foram algumas das causas a que Antonio Candido emprestou seus talentos e sua alta compreensão da solidariedade.

\* WALMICE NOGUEIRA GALVÃO É PROFESSORA EMÉRITA DA FFLCH-USP





# ‘Suplemento Literário’, criado por ele em 1956, se tornou marco cultural

Publicação do jornal ‘Estado’, veículo transmissor de ideias teve importante papel na reflexão e difusão da crítica da cidade e do País

**Elizabeth Lorenzotti**  
ESPECIAL PARA O ESTADO

É como se eu o visse, magro e elegante como sempre, com seu passo rápido, entrando na grande sala que era a redação do *Suplemento Literário* – um espaço autônomo dentro da própria redação de O Estado de S. Paulo, criado por ele em 1956.

Eu, que tenho saudades de algumas coisas que não vivi, gostaria de tê-lo conhecido naquela época, e aos seus eternos amigos, e de ter colaborado na aquele que se tornou o paradigma dos cadernos culturais do País. Antonio Candido não frequentava muito a redação do suplemento que criou e entregou nas mãos competentes de Décio de Almeida Prado, a quem qualificava como “ser de exceção”, pelo exemplo de integridade e coerência.

A redação já havia se mudado para a Rua Major Quedinho, centro de São Paulo, ali pertinho da Biblioteca Municipal, do Masp, da Sete de Abril, da livraria Jaraguá – onde havia um canto de conversa e uma sala de chá ao fundo. Esses eram alguns

dos pontos de encontro de intelectuais, artistas, jornalistas nas décadas de 40, 50, 60.

A redação do *Suplemento* também era um centro animado de discussões. E o *Suplemento*, um veículo transmissor de ideias, um intermediário, um mediador cultural que teve importante papel na reflexão e na difusão da crítica cultural da cidade e do País.

Tudo começou, entretanto, quando um grupo de estudantes da USP, a novíssima universidade, a convite de Alfredo Mesquita, escritor e dramaturgo, criou a revista de cultura *Clima*, em 1941, plena Segunda Guerra Mundial, plena ditadura Vargas.

Candido era, então, aluno do segundo ano de Ciências Sociais. Para o mineiro nascido no Rio, como ele mesmo se definia – criado em Cássia e Poços de Caldas – os amigos do grupo de *Clima* tiveram grande importância nos anos de formação. “Nós temos consciência de nos termos formado uns aos outros: Gilda, minha mulher, Décio de Almeida Prado, Paulo Emilio Salles Gomes, Rui Coelho, Lou-

rival Gomes Machado, eu e mais alguns, todos marcados pela variedade de interesses com reflexo na atividade.

As mulheres participantes eram Gilda de Moraes Rocha (depois Gilda de Mello e Souza, professora de Estética da USP, a companheira da vida inteira, falecida em 2005) e Ruth, esposa de Décio de Almeida Prado, em cuja casa, na esquina das ruas Itambé e Mato Grosso, ficava a redação.

Aquela revista de cultura, feita por jovens universitários, tinha praticamente a mesma equipe que depois fundou e colaborou com o *Suplemento Literário* e se tornou conhecida como a primeira geração de críticos saídos da USP.

Em um artigo sobre *Clima*, o professor Antonio Candido afirmou que, na década de 1940, São Paulo acabava de completar um milhão de habitantes e as pessoas se conheciam de vista. E eles tiveram a sorte de ficar próximos de artistas e escritores que admiravam. “Nos acolovelávamos com Mário de Andrade, Oswald, Sérgio Milliet, La-

sar Segall, Guilherme de Almeida, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Flávio de Carvalho, Di Cavalcanti, Cassiano Ricardo, Monteiro Lobato, Caio Prado Junior (...)”

Alguns anos depois, esses mesmos intelectuais tornaram-se colaboradores do *Suplemento*, que em seu minucioso projeto previa espaço generoso para a ilustração gráfica, plástica e fotográfica, e o mesmo preço para estas colaborações e as de textos – os grandes textos críticos, os contos, os poemas. O *Suplemento* pagava dez vezes mais do que o mercado da época, me contou o professor.

Naquela redação fantástica, rígida harmonicamente por Décio – onde uma jovem Lygia Fagundes Telles, contista iniciante, poderia ser ilustrada por um consagrado Di Cavalcanti, por exemplo –, reinavam a independência e a autonomia. Da pauta à edição, não havia interferência de chefe de redação, ou do dono do jornal, Julio de Mesquita Filho, que não discriminava colaboradores por motivo ideológico.

Imagino Antonio Candido – o crítico literário que fez sua carreira no jornalismo, mas foi essencialmente um professor, como ele mesmo se definia – sabendo bem, lúcido como sempre, a fala rápida, a mente ágil. De repente disse: “A velhice é muito triste”. Minha respiração suspensa, o que responder?

Mas o próprio professor com seu bom humor cortou a atmosfera densa contando uma historinha. Há mais de 30 anos tomou um táxi e o motorista (“muito inteligente”) lhe disse: “Gente é feito remédio. Tem prazo de validade”.

bindo as escadas para chegar à redação do *Suplemento* e entregar um artigo. Imagino seu abraço em Décio, o cumprimento ao diagramador Italo Bianchi, algum comentário sobre a política, o tempo, novos lançamentos literários que hoje se tornaram clássicos. A propósito, já no primeiro número do *Suplemento*, em 6 de outubro de 1956, *Grande Sertão: Veredas*, foi saudado por Antonio Candido como “uma das obras mais importantes da literatura brasileira – jacto de força e beleza numa novelística algo perplexa como é atualmente a nossa”.

Todos já estão mortos. Candido foi o mais longo da turma de acadêmicos dos primeiros anos da USP. Uma das vezes em que fui à sua casa, eu o encontrei relendo Jurandir Ferreira, seu grande amigo de Poços de Caldas, ótimo escritor e farmacêutico. O professor não concedia mais entrevistas – temia algum engano da memória –, não falava sobre novos lançamentos. “A gente chega a uma certa idade e se compraz em reler.”

Estava bem, lúcido como sempre, a fala rápida, a mente ágil. De repente disse: “A velhice é muito triste”. Minha respiração suspensa, o que responder?

Mas o próprio professor com seu bom humor cortou a atmosfera densa contando uma historinha. Há mais de 30 anos tomou um táxi e o motorista (“muito inteligente”) lhe disse: “Gente é feito remédio. Tem prazo de validade”.

\* ELIZABETH LORENZOTTI, JORNALISTA E ESCRITORA, É AUTORA DE SUPLEMENTO LITERÁRIO – QUE FALTA ELE FAZ! (IMPRESA OFICIAL)

cialmente exercida por teóricos universitários. Candido dizia conhecer a maioria, pois foram seus alunos, formando a “paróquia”, como gosta de ironizar. “Admito muito as novas gerações de críticos, todostodos muito eruditos”, comentou, citando Roberto Schwarz e José Miguel Wisnik, entre outros.

Lembrou que vivia “encalhado” no passado, pois ainda utilizava uma máquina de escrever, dispensando computador, celular e outros produtos da modernidade. Também desconhecia o que se produz atualmente na literatura, preferindo a releitura de clássicos. “Faz 20 anos que não leio nada de novo. Prefiro Dostoiévski, Proust, Eça de Queiroz.”

Para Candido, a arte e a literatura respondiam às necessidades profundas do ser humano. E foi sobre isso que ele refletiu em *O Direito à Literatura*, importante ensaio em que defende a necessidade de estender a todos, sem distinção de classe, o acesso a este bem imaterial.



**História.** Candido (sentado) e colegas da revista ‘Clima’, o 1º número do ‘Suplemento’, xilogravura de Marcelo Grassmann (cima) e desenho de Flávio de Carvalho (D)

“ Candido era, sem hipóbole, o maior brasileiro vivo. Sua morte, sem clichê, marca o fim de uma era”  
**Sérgio Augusto**  
ESCRITOR

“ Figura rara. Manteve sua postura digna, limpa. Um exemplo para o ensino e a memória nacional”  
**Afonso Romano de Sant’Anna**  
CRÍTICO E ESCRITOR

“ Ele era capaz de refletir não só sobre a literatura tradicional como também reconhecer autores jovens”  
**Raimundo Carrero**  
ESCRITOR

“ Teve uma importantíssima atuação a favor da transformação social e do direito dos trabalhadores”  
**Lula**  
EX-PRESIDENTE DA REPÚBLICA

“ Um conversador fascinante e professor perfeito. Discordamos na política sem perder o respeito”  
**Fernando Henrique Cardoso**  
EX-PRESIDENTE DA REPÚBLICA

“ Para sempre será exemplo de imensa coragem e dignidade no ambiente intelectual brasileiro”  
**Ricardo Lísias**  
ESCRITOR

**ANÁLISE: José Castello**

## Um crítico desarmado sempre pronto para a surpresa e o susto

**A**inda atordoado pela notícia da morte de Antonio Candido, vasilhoso minha biblioteca em busca de uma plataforma de observação, desde onde possa espreitar o grande mestre, sem o consolo nefasto dos clichês. Esbarro, então, na célebre “Aula”, que Roland Barthes proferiu em janeiro de 1977, e, em particular, em uma preciosa ideia guardada em seu fecho. “Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe.” Leio as palavras de Barthes e, de imediato, vejo Candido de corpo inteiro. Não só um professor bem equipado, um teórico rigoroso, um técnico, como a maior parte dos mestres de hoje. Não um grande manobrista do saber, mas, ao contrário, alguém que via o conhecimento como um “desaprender” – de nossos preconceitos, de nossas convicções e tolices. Numa palavra: como uma aventura. No caso de Antonio Candido, a

mestria se define não pelo saber acumulado, mas por aquilo que Barthes chamou de Sapientia: “Nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria”. Também pudera: para Cândido – fundador histórico do Partido dos Trabalhadores –, a literatura esteve sempre atada ao real. Impossível pensar a literatura sem levar em conta os fatores concretos que a geram. Inútil tentar ler sem considerar o mundo em que se lê. Já em um dos capítulos de *O Discurso e a Cidade*, de 1993, ele nos adverte: “Hoje está na moda dizer que uma obra literária é constituída mais a partir de outras obras, que a precederam do que em função de estímulos diretos da realidade, pessoal, social, ou física”. Contra as teorias da moda, a Sapientia. Sim, porque a realidade – que é móvel, inconstante, complexa – exige sabedoria e paciência, exige abnegação e desapareço, ou não se deixa fisgar. Em seu célebre ensaio sobre Graciliano Ramos, *Ficção e Confissão*, de 1992, Candido nos fornece uma chave para ler sua própria obra. Escreve: “Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela

confissão das mais vívidas emoções pessoais”. Algumas ideias aqui devem ser preservadas: a literatura como uma aventura; o desenrolar interminável da ficção sobre a História; não só história social, mas também a história pessoal. Em resumo: o laço fatal que une literatura e existência. Antonio Candido foi um crítico engajado não só porque militou, com coragem, na vida política, mas também porque encarava a literatura como um instrumento de interrogação da realidade. Não apenas da “grande realidade” – a que aparece nos jogos do poder e nas lutas sociais –, mas também da “pequena realidade” pessoal que, ele nos dizia, está intimamente ligada à nossa relação com a escrita. Em um dos textos guardados em *O Albatroz e o Chinês*, de 2010, ele propõe a seus colegas de crítica que não se limitem ao salão das grandes ideias, mas que visitem também os “arrabaldes” da escrita. E, talvez para surpresa daqueles que costumam confundir engajamento com despersonalização, ele escreve: “Um capítulo vivo da periferia da crítica seria o que registrasse com o devido senso de oportunidade a história da nossa experiência afetiva com as obras”. Entre os livros que lemos, reflete o mestre,

alguns se integram com mais força a nossas vidas, “muitas vezes de maneira desproporcional em relação a sua qualidade”. Portanto: não basta um livro ser bom, é preciso que ele nos afete e contamine, que ele nos sacuda. Muito além dos recursos teóricos, existem fatores afetivos e circunstâncias existenciais que definem o que é a literatura para cada um de nós. Candido sempre defendeu o esforço da precisão histórica. Nem por isso deixou de considerar que esse esforço é, muitas vezes, inútil. Falando da poesia do francês François Villon, que nunca parou de ler, ele nos diz: “O decisivo é o nervo do poema”. No caso de Villon – a respeito de quem não se sabe, sequer, se ele foi mesmo o autor da obra que lhe atribuímos – todo esforço de precisão é, em resumo, uma traição. Defendo Candido, assim, numa época em que os críticos se armam de aparatos teóricos até os dentes, uma crítica desarmada, pronta para a surpresa e para o susto, e que nunca descarte os movimentos da vida.

\* JOSÉ CASTELLO É ESCRITOR, JORNALISTA E CRÍTICO LITERÁRIO, AUTOR DE RIBAMAR E O INVENTÁRIO DAS SOMBRAS, ENTRE OUTROS